

Conceito de Identidade e sua Contribuição na Formação de Professores de Matemática

Concept of Identity and its Contribution to the Discussion of Mathematics Teachers

Andréa Souza de Albuquerque¹

Tadeu Oliver Gonçalves²

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como Hall (2004), Ciampa (2001) e Dubar (2006) apresentam o conceito de identidade, a fim de fazer uma análise a partir deste conceito, sobretudo, em torno de suas contribuições para as propostas de formação continuada de professores de matemática no que concerne à identidade pessoal e profissional destes docentes. Para tratar da formação de professores de matemática, tomamos como referência Fiorentini e Oliveira (2013) e Nóvoa (1992) para tratar da formação continuada. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, e o tratamento metodológico da pesquisa foi de tipologia qualitativa. Dessa forma, o estudo aponta diferentes perspectivas a respeito do conceito de identidade, ao mesmo tempo em que os autores convergem quanto a transformações sociais, o que gera crises constantes, acarretando tanto a alteração na ideia de identidades pessoais fixas e imutáveis quanto a necessidade de revisão das identidades pessoais e profissionais, principalmente as relacionadas à formação profissional de professores de matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Identidade Docente. Formação de Professores.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze how Hall (2004), Ciampa (2001) and Dubar (2006) present the concept of identity, in order to make an analysis from this concept above all, around their contributions to the proposals for continuing education of mathematics teachers with regard to the personal and professional identity of these teachers. To address the training of mathematics teachers, we take as a reference Fiorentini and Oliveira (2013) and Nóvoa (1992) to address continuing education. For the study it was used a bibliographical research the methodological treatment of the research was of qualitative typology. The study points out different perspectives on the concept of identity. The authors

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGEEM da Universidade Federal do Pará. E-mail: andasouza2014@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8086-165X>.

² Professor doutor atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGEEM/IEMCI/UFPA). E-mail: tadeuoliver@yahoo.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2704-5853>.



converge on the social transformations, which generates constant crises, causing the change in the idea of fixed personal identities, and immutable and the need to review personal and professional identities, especially those related to professional teacher training.

KEYWORDS: Identity. Teaching Identity. Teacher Training.

Introdução

Esse artigo apresenta o resultado de estudo realizado no curso de doutorado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Pará. O objetivo aqui é compreender como os autores Hall (2004), Ciampa (2001) e Dubar (2006) apresentam o conceito de identidade, para fazer uma análise a partir deste conceito em torno das suas contribuições nas propostas de formação de professores de matemática, especialmente no que concerne à identidade pessoal e profissional destes docentes. Este estudo é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que visa a refletir criticamente sobre a produção e a reconfiguração da identidade docente, especificamente dos professores que ensinam matemática na Rede Municipal de Educação de Belém, no sentido de compreender melhor o conceito de identidade, as aproximações e diferenciações analisadas entre os autores, a fim de esclarecer a base epistemológica conceitual. É uma pesquisa bibliográfica ampliada com as leituras e discussões desenvolvidas na disciplina Bases Epistemológicas da Pesquisa em Educação em Ciências e Matemática.

O método utilizado foi o estudo bibliográfico, tomando-se como base teórica três autores que desenvolvem estudos sobre identidade: Claude Dubar (2006), com a obra *A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação*; Stuart Hall (2004), com o livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*; e Antonio Ciampa (2001), com *A estória do Severino e a história de Severina: um ensaio de psicologia social*.

Nesta perspectiva, pensar sobre a identidade profissional de professores de matemática requer, como pontua Sánchez Gamboa (2012), levar em consideração determinados aspectos importantes do processo de pesquisa em educação: o questionamento acerca da investigação empírica da realidade educativa, necessidade de uma reflexão sobre o contexto da investigação e a importância de um estudo de caráter qualitativo sobre os métodos utilizados e seus pressupostos epistemológicos.

O autor defende que a metodologia científica se apresenta em dois momentos. O primeiro corresponde à formulação da pergunta, quando há articulação com o problema, seus indicadores e as questões que qualificam essa

pergunta como clara e concreta. O segundo momento é com elaboração da resposta, para a qual a pesquisa deve apresentar previsão acerca das possíveis formas de construção.

Para que tal movimento se concretize da forma adequada, é necessária a apropriação de referenciais teóricos que permitam a articulação lógica dos elementos da construção do conhecimento (técnicas, métodos e teorias, pressupostos epistemológicos).

Sánchez Gamboa (2012) é categórico ao afirmar que toda investigação em educação deve contemplar a historicidade de seu objeto, considerando a temporalidade característica dos fenômenos educativos, em virtude de sua natureza social. Isso é o que deverá ocorrer quando das pesquisas realizadas sobre a identidade dos professores, pois é preciso haver um resgate contextual de sua identidade ao longo dos anos, bem como do que se tem compreendido em torno desta questão nas pesquisas.

Diante da abordagem da pesquisa a ser realizada com professores de matemática que participam dos cursos de formação continuada ofertados pela Rede Municipal de Educação de Belém, sentimos necessidade de aprofundar os estudos acerca do conceito de identidade, compreendida nestes termos como interação entre os sujeitos e sua trajetória pessoal e social, na ótica da sociologia do trabalho e da psicologia social. Neste sentido, partimos da identidade sob o prisma da psicologia social, nas reflexões empreendidas por Antonio Ciampa (2001), objeto da próxima seção.

Identidade segundo Antonio Ciampa

Na obra *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*, o psicólogo Antonio Ciampa (2001) realiza um estudo e análise da psicologia social através da estória do Severino (personagem da ficção) e da história Severina (uma história real). O objetivo do estudo é a compreensão da identidade, de modo que demonstra o contínuo processo de transformação por que o sujeito passa ao longo da vida.

Nesta perspectiva, de forma crítica e criativa, apresenta o conceito de identidade a partir da pergunta inicial: “quem sou eu?”, diante da qual constrói o conceito de identidade. Segundo ele, desde o momento em que nascemos, somos representados por um nome e, por meio do nosso nome, temos a indicação do singular (indicado pelo 1º nome) e do geral (indicado pelo nome de nossa família),

isto é, o nome nos diferencia dentro do contexto familiar e o sobrenome é o que nos inclui e o que nos reconhece como membros desta família; porém, o nosso nome não é a nossa identidade, pois o nome, sozinho é estático, não tem relações, e se constitui como uma representação desta identidade. É, portanto, a identificação com papéis que correspondem também a uma predicação e nos colocam como personagem de uma história.

Dentre estas identificações, é importante assinalar a identificação profissional, que é objeto de análise neste trabalho. O nome, neste sentido, está relacionado a uma ação: ser lavrador, professor de matemática, bancário, sambista, é expresso por substantivos e por adjetivos correspondentes a um fazer coletivo que constrói nossas identidades. Para ser identidade, o nome precisa estar relacionado a um trabalho, a uma ação, com relação.

A identidade é consequência das relações sociais e humanas e das suas condições, está sempre em transformação; posto que existem diferenças durante o processo de construção da identidade. Por outro lado, também há determinados aspectos que igualam, no sentido de aproximação dos que desempenham o mesmo campo profissional (CIAMPA, 2001).

Para Ciampa (2001), o conceito de identidade é “[...] o reconhecimento de que é o próprio de quem se trata; é aquilo que prova ser uma pessoa determinada, e não outra” (CIAMPA, 2001, p. 137). Aponta também que a identidade é diferença e igualdade, visto que há aspectos que nos igualam e que nos diferenciam dos outros.

Os professores de matemática, no que concerne à identidades diferenciadas, podem ter vivenciado percursos pessoais e formativos diferenciados - alguns podem ser advindos de famílias com um certo poder aquisitivo e em condições de sustentar o período de estudos sem precisar trabalhar, já outros podem ter precisado trabalhar durante o processo de estudos a fim de garantir seu sustento, fato este que os diferencia desde sua formação inicial. Por outro, ambos podem ter passado por cursos de formação continuada e adotado perspectivas metodológicas semelhantes, durante suas aulas, com os alunos da educação básica, o que os iguala enquanto docentes de matemática.

A identidade está relacionada a mudanças, metamorfoses as quais vivenciamos. Por isso, a realidade representa este movimento, de mudanças, a cada período vivenciado pelo ser humano, com transformações individuais e sociais, entrelaçando subjetividade e objetividade.

Identidade é sempre movimento, aceitação ou negação, processo dialético de devir, razão por que nós acabamos nos vendo do jeito que somos representados pela sociedade e, por vezes, reforçamos estes papéis que nos são impostos, como o de ser professor. Não podemos, portanto, ser um só e verdadeiro sujeito, pois somos representados e nos representamos constantemente. As permanentes mudanças de meus personagens são dialéticas, históricas e sociais.

Na concepção de identidade em Ciampa (2001), possuímos, na verdade várias identidades que são utilizadas separadamente, em diferentes momentos. Porém, a pessoa é uma totalidade e nesses momentos o que se ocorre é a manifestação de uma parte da unidade. Mas é importante considerar que mesmo com as diferentes identidades e as constantes mudanças (metamorfose) a nossa identidade é uma totalidade.

O conceito de identidade está intrinsecamente relacionado ao contexto social, mais especificamente ao sistema capitalista em que vivemos. Neste sentido, a sociedade capitalista produz a desrazão ou alienação, nega o ser humano e o coloca como uma coisa, um objeto a serviço do sistema econômico. Porém, o mundo é produzido por este homem que foi negado, desumanizado, onde este mesmo homem só se torna homem e é considerado como tal pela sociedade porque produz. No sistema capitalista, o capital é o sujeito, o cerne, o principal, e o homem é o predicado, o secundário.

A estrutura social em que o sujeito está inserido de certa forma influencia e chega, como aponta Ciampa (2001), a conformar certos padrões de identidade. Assim, apesar de refletir sobre seu contexto social, o sujeito atua de forma a manter a estrutura social, o que significa perpetuar o mundo totalmente capitalista, individualista e consumista, sendo sua identidade negada, pois se deixa à margem do processo. O processo de construção e desenvolvimento da identidade do indivíduo, durante seu percurso de vida e no seu meio social, produz a cada momento pessoas diferenciadas.

Trata-se, assim, da percepção de identidade enquanto processo, que se transforma e se modifica ao longo do tempo e da carreira docente, sem se esquecer das relações com questões macro, como o sistema político, econômico e cultural em que vivemos, na qual somos país periférico de um sistema capitalista, aspectos que também deverão ser levados em consideração quando da análise da construção identitária docente. A identidade reflete o movimento social, suas mudanças, o que acarreta determinadas transformações no âmbito da atividade docente.

Neste sentido, Ciampa (2001) faz suas análises dentro de uma totalidade histórica, social, e analisa os sujeitos e suas identidades dentro dessa totalidade, como parte e reflexo dela. Aponta para a negação dessa totalidade e para a construção de “novas” possibilidades de sociedade e de relações a serem construídas. Epistemologicamente, Ciampa (2001) sustenta sua abordagem na dialética, no marxismo crítico, com reflexões que sugerem novos caminhos a serem pensados nas pesquisas.

Identidade está relacionada a mudanças a cada período vivenciado pelo ser humano. Por isso, durante o percurso da história da Severina, o autor exemplifica com inúmeros fatores as transformações individuais e sociais pelas quais a personagem passa, entrelaçando subjetividade e objetividade.

Neste sentido, o autor sinaliza que a estrutura social molda os padrões de identidade. O indivíduo reflete e mantém a estrutura social, o que significa algumas vezes perpetuar o mundo totalmente capitalista e consumista, de modo que a própria identidade do sujeito é negada.

Para Ciampa (2001), a autoconservação do ser humano reflete-se racionalmente, pois o sujeito deve ser considerado como um ator ativo e crítico, que exerce sua participação de modo coletivo, e não como um simples joguete. Ao desenvolver a identidade ao longo da vida, o ser humano produz em seu meio social personagens diferenciados a cada período, o que significa um processo de autoconservação da espécie humana.

Na perspectiva de identidade, prevalece o sentido do homem na vida, no mundo social. Mas a sociedade capitalista corrompe e inverte esse processo, pois em vez de se conduzir, o mesmo é conduzido.

Na história de Severina, foi possível observar algumas dessas características, pois, ao mesmo tempo em que ela desenvolvia sua identidade, ela passava por retrocessos, bloqueando a sua produção, na sua própria existência. O trabalho é uma das características predominantes em relação à identidade, sendo que o significado do termo trabalho representa algo fundamental na sociedade.

Desse modo, o trabalho como constituição do sujeito será indispensável na relação do trabalho docente com a identidade desse profissional, uma vez que é por meio do trabalho que o sujeito também molda sua identidade, ao se diferenciar e se igualar em relação aos demais profissionais. Quando escolhe sua profissão, ser professor de matemática ao mesmo tempo que se diferencia dos demais profissionais se iguala aos de sua área, ao atuar nas escolas da rede pública de

ensino constrói determinadas características que ao mesmo tempo que o diferenciam dos demais o iguala aos outros professores da rede pública, com as mesmas condições de trabalho, salário, valores e representações sobre o papel da educação.

Porém, para além das concepções de Ciampa (2001), com foco em uma visão sociológica, surge a crise da identidade, segundo Claude Dubar (2006), objeto de explanação proposto a seguir.

A crise das identidades profissionais segundo Claude Dubar

Por sua vez, Claude Dubar (2006), professor de sociologia da Universidade de Versailles, Saint Quentin, França, e autor do livro *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*, desenvolve estudos que vão além do conceito de identidade, pois faz uma análise mais profunda e histórica, na qual defende que, na verdade, vivemos uma crise das identidades, especialmente da identidade profissional.

Na obra, o autor propõe uma análise das relações entre a crise da modernidade e a crise das identidades, crises que não estão separadas e que desvalorizam as formas comunitárias de inserção social, sem conseguir impor novas formas societárias. Neste viés, a crise que se acentuou após a segunda Guerra Mundial, que não é apenas econômica, é uma crise antropológica que põe em jogo os mitos criados na modernidade: do progresso, da ciência e da democracia formal.

Segundo Dubar (2006), a crise da modernidade é também uma crise de identidades pessoais, sendo consequência das transformações ocorridas em três importantes domínios da vida social: mutação das relações de gênero e mudanças profundas nas relações familiares; mutação no mundo do trabalho e nos empregos e consequentemente na formação e na escolarização; mutação no Estado-nação e das suas instituições, o que acarretou mudanças na legitimidade e na democracia representativa.

Assim, a identidade pessoal já não é transmitida pelas instituições, de forma linear, nem herdada dos contextos socio-comunitários, mas passou a ser uma identidade construída pelos próprios indivíduos, no decurso de suas trajetórias de vida. Com as contribuições dessas trajetórias, portanto, surgem identidades fruto das interações entre o eu individual e o institucional. O que acarreta, segundo o autor, uma mudança de paradigma e de perspectiva da sociologia determinista, que antes desvalorizava as subjetividades, que precisam agora ser levadas em

consideração, em interface com as determinações sociais que já não dão conta das diversidades dos indivíduos e das suas trajetórias concretas. Assim é necessário adotar novas metodologias e outros modos de abordagem, com a contribuição inclusive de outras ciências, como, por exemplo, a psicanálise e a linguística, para a melhor compreensão das mutações em curso.

Sobre o conceito de identidade, Dubar (2006) vai buscá-lo na filosofia grega, ao adotar a concepção com base em Heráclito, para quem não há essências eternas, tudo é submetido à mudança. “A identidade de qualquer ser empírico depende da época considerada, do ponto de vista adoptado” (DUBAR, 2006, p. 8). Desse modo, a identidade não é aquilo que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente.

Claude Dubar (2006) aponta a crise das identidades profissionais, com significativas reflexões sobre o trabalho, concebido como algo que está sofrendo vertiginosas transformações, cercado de incertezas devido às novas formas de organização das economias, com necessidade de contínuo investimento pessoal - razão por que não é mais uma obrigação prescrita, em que o trabalhador devia obediência, já que depende agora da criatividade individual e coletiva. A competição cresce entre os próprios trabalhadores, bem como a concorrência entre as empresas, com redução de empregos formais e a racionalização dos recursos humanos.

Assim, ganha força a ideia de competência, que vulgarmente passa a significar o saber, saber fazer, saber ser, o que se espera em termos de qualidades do trabalhador, como a iniciativa, a responsabilidade e o trabalho em equipe.

Diante disso, a crise ocorrida no mundo na década de 1980 levou ao desemprego ocorrido na década seguinte, de 1990, e à ideia de "identidade de empresa", segundo a qual empregados com anos nas empresas, com carreiras longas e custosas operações de formação, perde lugar para uma nova noção de empregabilidade, em que cada trabalhador passa a assumir a responsabilidade pela aquisição e manutenção de suas próprias competências. A escola ou a empresa não são mais responsabilizadas pelo processo de aquisição de competências exigidas do indivíduo para enfrentar o mercado de trabalho, mas o próprio indivíduo. A empregabilidade consiste em se manter em estado de competência, de competitividade no mercado (DUBAR, 2006).

Neste contexto entram em crise as identidades "categoriais" de ofício, ligadas a uma organização, e entram em cena as identidades construídas a partir de conflitos sociais, mais de origem "profissional" de coletivos de assalariados.

O Estado é o principal destinatário relacionado a estas novas configurações, mas não é a única instituição a sofrer conflitos, já que outros movimentos também sofrem com sua repercussão. Assim começam a se dividir dois polos sobre a identidade perante a situação: um grupo que não assume, como no passado, uma "memória coletiva", o que acarreta sofrer com condições de desvalorização social. Encontramo-nos no cruzamento de dois paradigmas, duas maneiras de ver o processo de construção da individualidade e do grupo social. Na primeira, há forte predomínio do componente social, como relações de classe, de exploração salarial, de dominação. Já na segunda, vai lentamente tomando força um novo componente, ao mesmo tempo pessoal e "societário", um elemento crucial do que o autor chama de "crise das identidades profissionais".

O contexto de crise, proposto pelo autor, pode ser comparado ao vivenciado pela sociedade brasileira; como consequência, os trabalhadores, em especial os professores, também sofrem os resultados desse processo, com a intensificação e a precarização das condições de trabalho, que se agravaram a partir da década de 1960, quando há o aumento significativo de alunos matriculados nas escolas da rede pública. Nesse contexto, cresce a procura por professores, o que acarreta a carga horária excessiva, com a sobrecarga de trabalho aos docentes, a desvalorização enquanto profissional, os contratos temporários, o rebaixamento de salários, o aumento das responsabilidades e tarefas/atividades a eles atribuídas, fatores que geram uma mudança no perfil e na identidade profissional dos docentes que ingressam na carreira.

No mesmo viés, com base nas análises contextuais de crise de identidade, seguem as contribuições de Stuart Hall (2004) sobre identidade cultural na pós-modernidade.

Stuart Hall e a identidade na pós-modernidade

As concepções de identidade presentes nas reflexões de Hall (2004) permeiam o sujeito desde o Iluminismo. Seguindo uma linha histórica, o autor distingue três concepções de identidade do ser humano. A primeira é o sujeito do Iluminismo, indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão, que expressa uma visão individualista de sujeito, em que prevalece a capacidade de razão e de

consciência. Assim, entende-se o sujeito como portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento, de forma contínua e idêntica.

Já a identidade do sujeito sociológico está presente no mundo moderno como aquele que não é independente, uma vez que se forma pela relação que estabelece com os outros. Com isso, o autor considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído da relação com outras pessoas, cujo papel é a mediação da cultura. O sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo entre o mundo externo e interno.

Por sua vez, a identidade do sujeito pós-moderno não é fixa, promovendo assim esse debate em torno da crise de identidade. Nesta concepção, o sujeito não tem uma identidade permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo as influências das formas como é representado ou interpretado pelos diferentes sistemas culturais. A visão de sujeito assume contornos históricos e não biológicos e o sujeito adere a identidades diversas e, por vezes, contraditórias.

O sujeito na pós-modernidade se confronta com inúmeras e cambiantes identidades com as quais é possível se identificar, mas sempre de forma temporária. Novas identidades em um mundo em constante transformação surgem continuamente. Logo, o autor sugere que não é possível oferecer afirmações conclusivas sobre o conceito de identidade, pois é um aspecto complexo, que envolve múltiplos fatores.

Apresenta então o conceito de “identidades culturais” como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Defende ainda que as condições atuais da sociedade estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade e nacionalidade que nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais no passado.

Diante disso, o processo de globalização trouxe como uma de suas perversas consequências a desintegração das identidades nacionais, antes fixas e estáveis, resultado da homogeneização cultural e do pós-moderno global, o que gera um efeito inverso. Por essa razão, as identidades nacionais e locais estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. Tais transformações estão alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de

sujeito integrado que nós próprios temos, fenômeno que gera uma crise de identidade.

Cabe pontuar ainda que, de acordo com as reflexões propostas por Hall (2004), apesar de a pós-modernidade ser defendida por determinados teóricos, a sua identidade ainda não se constitui como algo acabado, fechado, mas é um produto em curso da história e na cultura.

Além das reflexões de Hall (2004), outro autor importante que retrata o conceito de híbrido é Bruno Latour (1994). A palavra híbrido para este autor é utilizada com o objetivo de demonstrar a ilusão criada pela modernidade de que seria possível isolar o domínio da natureza, das coisas inatas, do domínio da política, da ação humana.

A modernidade não tem nada a ver com a irrupção das ciências nem com a laicização da sociedade, muito menos com a mecanização do mundo (LATOURE, 1994, p. 40). Na verdade, ela tem a ver com o nascimento conjunto da “não-humanidade” das coisas, dos objetos e das bestas, logo a modernidade seria uma separação de caráter constitucional entre o mundo natural e o mundo social (LATOURE, 1994, p. 19). Uma constituição tão sofisticada que permitiu um processo de “purificação”, do qual emergem duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro (LATOURE, 1994, p.16). É como se a constituição moderna tivesse criado um abismo entre a natureza e a sociedade (LATOURE, 1994, p. 86). Nesse abismo existente entre natureza e sociedade, humanos e não humanos, estão os híbridos de natureza e cultura, dos quais o trabalho de purificação moderno tentou se livrar.

Destaca ainda o autor que a modernidade foi vítima de seu próprio sucesso. Essa ideia retrata a noção de que os coletivos aumentaram tanto os híbridos a ponto de se tornar impossível mantê-los em seus lugares. Esse crescimento dos mesmos saturou o quadro constitucional dos modernos. Assim, essa situação pode ser entendida como se a Constituição não suportasse e tivesse sido afogada pelos próprios modos de experimentação que esta permitia, como se não houvesse um número suficiente de críticos para tratar os híbridos.

Nesta perspectiva preconizada pelos autores, a sociedade está em transformação e tais mudanças acabam por alterar a ideia de identidades pessoais fixas, lineares e imutáveis. A crise gera a necessidade de revisão das identidades pessoais e profissionais, especialmente das relacionadas ao exercício profissional docente, pois estas lidam diretamente com a formação de pessoas, alunos, o que

exige conhecimentos sempre atualizados no ensino, fatores que serão mais detalhados na seção seguinte.

A identidade como um conceito em construção na formação de professores de matemática

O conceito de identidade é compreendido por Ciampa enquanto processo no qual o ser humano se transforma, diante das vivências pessoais e profissionais pelas quais passa ao longo do tempo e da carreira profissional, a exemplo do exercício da docência. Além disso, há uma macrorrelação a ser estabelecida, já que o sistema econômico e cultural em que vivemos é de país periférico do sistema capitalista, questões que deverão ser consideradas quando da construção identitária docente.

Se consideramos o direito à universalização do acesso ao ensino fundamental, a partir da Constituição Federal de 1988 e das reformas educacionais promovidas a partir de então no Brasil, vemos como se ampliou significativamente o quantitativo de alunos matriculados nas escolas. Isso ocorreu sem o adequado aporte de recursos e de investimento necessários ao setor educacional por parte do Estado brasileiro, marcado por um contexto econômico e social de avanço tecnológico, pela disseminação rápida de informações, acarretando novas formas de organização social e de trabalho, o que gerou crise nas identidades profissionais, uma vez que neste cenário a produção exige um outro tipo de trabalhador, com habilidades diferenciadas, flexível e capaz de se adaptar às novas exigências do mercado globalizado. A identidade reflete o movimento social, suas mudanças e como acarretam determinadas transformações no âmbito da atividade docente.

Segundo Ramalho e Carvalho (1994), no atual contexto não se podem negar as novas exigências sociais que vêm sendo colocadas com o intuito de democratizar o acesso à educação a todas as pessoas, marcadas pela inclusão de novos sujeitos no contexto escolar, pois é justamente diante desse contexto que surgem novos desafios aos docentes.

Dessa forma, algo novo precisa surgir, em um movimento que não se enquadra nos pressupostos convencionais do modelo de paradigma de formação inicial de professores, especialmente os da matemática, que tomavam como referência a racionalidade técnica, com origem no positivismo, que serviu de parâmetro para a educação dos profissionais, durante o século XX, quando se concebe a atividade profissional como instrumental, com o objetivo de resolver

problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas. O profissional, nesta perspectiva, é visto como alguém que deve aplicar os conhecimentos teóricos aprendidos sem levar em consideração que cada situação de vida e os problemas concretos têm seu contexto, são singulares e únicos, diferenciados e não podem ser resumidos a problemas meramente instrumentais, com a aplicação de meios e procedimentos teóricos, esquecendo-se do caráter moral e político da ação profissional humana (PÉREZ-GÓMEZ, 1992).

Nesse sentido, ampliam-se o debate e os estudos sobre a docência como profissão e a profissionalização da docência como alternativas para se pensar a construção de novos papéis, novas identidades para a docência e para o professor/a: o que, na verdade, configura-se como uma mudança paradigmática (DUBAR, 2006).

Ao iniciar sua vida profissional nas escolas, o professor de matemática se depara com uma realidade não vivenciada nem discutida na academia, com um local de trabalho no qual atua na rede pública de ensino em escolas precárias, com salas com um quantitativo considerável de alunos pouco interessados em aprender os conteúdos escolares, indisciplinados, falta de materiais didáticos e recursos tecnológicos, o que compromete o processo de ensino e aprendizagem. Por sua vez, esse processo gera um descompasso e uma crise de identidade, de acordo com o conceito de Dubar (2006), especialmente dos professores de matemática, uma vez que são os que detêm, em geral, maior carga horária e sentem de perto as dificuldades educacionais dos alunos e das escolas.

No que concerne às pesquisas sobre as condições de trabalho dos professores de matemática, tomamos como referência os trabalhos de Freitas (2006), Castro (1995) e Borges (2002), que indicam a necessidade de apoio específico aos professores iniciantes nas escolas, com a existência de espaços de reflexão sobre a prática docente.

No que diz respeito à identidade profissional dos professores, esta identidade vem sofrendo, como nas outras profissões, significativas transformações, frutos das mudanças ocorridas no mercado, conforme análise empreendida por Dubar (2006). Porém, o grupo do magistério sempre foi alvo de constantes crises, por conta de uma certa visão histórica que a sociedade tem do que é ser professor; com isso, a profissão docente se configurou, aos olhos do outro, como um trabalho que qualquer pessoa poderia realizar.

A identidade do docente é um processo de construção do sujeito e do grupo social e histórico, ou seja, é uma forma que o professor tem de se compreender em determinado contexto, sujeito a definições e redefinições em relação com os outros e com seu grupo profissional. A profissão docente emerge e se desenvolve em contextos e momentos históricos como resposta às necessidades que estão postas pelas políticas educacionais, pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios do país, pelas escolas onde atuam e pela sociedade e suas condições sociais, econômicas, políticas e culturais, e nos processos de valorização e desvalorização a que estão sujeitos.

De acordo com Stamberg e Nehring (2018), os professores de matemática, ensinam a disciplina no contexto escolar priorizando conteúdos, com deduções de fórmulas e demonstrações, com método de ensino baseado em aulas expositivas, com transmissão e recepção por parte dos alunos. Porém, com a atual irrupção de novas identidades, consideradas híbridas, cujas transformações estão alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de sujeito integrado que tínhamos anteriormente, gera-se uma crise nesta forma de ensino e nas identidades docentes, as quais precisam ser modificadas a fim de atender a esta realidade (HALL, 2004). Isso se dá para além do conhecimento do conteúdo, pois os professores precisam rever sua forma de ensinar, a fim de alcançar os jovens pós-modernos que chegam nas escolas e compreender como estes aprendem.

Segundo Fiorentini e Oliveira (2013), a prática educativa em matemática é uma prática social, construída por saberes e relações complexas que precisam de aprofundamento e, por conseguinte, de transformações. Assim, a matemática é um saber de relação: em relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Logo, a matemática está sempre situada em uma prática social concreta, da qual emergem sentidos e formas/conteúdos próprios, sendo conhecida e validada pelo trabalho.

O conhecimento matemático do professor não pode se limitar aos aspectos conceituais e procedimentais da matemática escolar. Isso aproxima a matemática escolar da prática de produção desta, com possibilidades de reformulações, rompendo com a concepção de matemática pura, exata, possibilitando outras reflexões sobre o conteúdo da matemática no contexto escolar.

A formação de professores, segundo Veiga (2007), é um direito, parte da política pública, e subjaz uma concepção de inacabamento, inconclusão, ligado à história de vida das pessoas em constante processo de construção. É uma ação contínua e progressiva, que envolve diferentes instâncias e valoriza a experiência

dos professores como componente formador. Portanto, está vinculado a seu contexto social, político e econômico; comprometido com a perspectiva emancipatória e inclusiva. Diante disso, a preparação de professores para lidar com situações incertas deve se articular à formação pessoal e profissional, e a um processo coletivo de construção docente, articulado com as escolas e com seus projetos.

A formação continuada deve valorizar a prática dos docentes no cotidiano da escola, a socialização de saberes entre os docentes e as trocas de experiências, além de propiciar estudos em grupos, debates, construção de novos conhecimentos, de modo a articular teoria e prática na formação e na construção do conhecimento profissional do professor. Com isso, as práticas de formação com dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para o fortalecimento da profissão do educador, na medida em que produz seus saberes e valores.

Para Nóvoa (1992), a formação não se constrói a partir da acumulação de conhecimentos, mas sim a partir do momento em que o professor detentor de um conjunto de experiências a respeito de sua atividade docente consegue refletir de forma crítica, apoiado em teorias sobre sua prática e consegue reconstruir uma identidade profissional e ao mesmo tempo pessoal sobre seu trabalho e sua vida.

Diante destas realidades, o processo de formação continuada de professores de matemática e de outras áreas possibilita contribuir para a reconfiguração da identidade profissional docente, considerada na perspectiva de Ciampa (2001) como constante processo de modificação e transformação do professor, ainda que para que isso seja necessário considerar as necessidades formativas dos professores e ouvir suas dificuldades. A inserção da discussão sobre a identidade profissional docente pode ser uma estratégia proposta na formação continuada capaz de ajudar na reflexão sobre o fazer docente, a forma como se veem enquanto profissionais e como os outros colegas os veem, momento em que os professores podem refletir sobre as necessidades de seu trabalho, sempre em busca de melhorias no processo de ensino.

Reflexões para não concluir

Ao abordarmos o conceito de identidade segundo as questões colocadas por Antonio Ciampa (2001), Claude Dubar (2006) e Stuart Hall (2004), o objetivo foi o de discutir como os referidos autores apresentam o conceito e compreender a

contribuição dele para o processo de constituição da identidade dos professores de matemática.

No decorrer do estudo, verificamos a relevância de estudos sobre a identidade profissional docente como contribuição ao campo ainda pouco revelado nos estudos sobre formação de professores. Assim, percebe-se a existência de elementos significativos que contribuem para reflexões acerca da identidade profissional do docente.

Inicialmente Ciampa (2001), relaciona o conceito de identidade ao que somos como seres individuais, como pessoas, mas essa identidade pessoal e individual, representada pelo nome que nos reconhece e nos faz membros de um grupo familiar é estático, não nos define por completo. Para além do individual, é importante relacionar a identidade a uma ação. Nesse sentido, ganha contornos um fazer coletivo, a relação estabelecida com os outros, quando do momento de escolha ou de encaminhamento ao exercício de uma profissão. No caso específico da docência, o trabalho nas instituições escolares, esta ação fruto de relações é o que vai, aos poucos, contribuindo para a construção, desconstrução e reconstrução de nossas identidades enquanto profissionais.

A identidade profissional docente é consequência dessas relações e das condições dessa relação, sendo reposta e reconfigurada a cada momento, com os novos contextos de trabalho. Logo, a identidade profissional docente, como as demais profissões, é algo que está em contínuo processo, sempre em transformação.

No exercício da docência, o professor vê-se individualmente de determinada forma, porém, sofre as influências do contexto na construção de sua identidade profissional, pela forma como a sociedade o representa - desvalorizado, com baixos salários, atuando em escolas com infraestrutura precárias, dentre outras condições.

Neste sentido, o contexto e a estrutura social de certa forma moldam os padrões dessa identidade profissional. No entanto, no exercício da docência, durante os processos formativos contínuos e no contato com seus pares, o professor é capaz de refletir racionalmente, de forma crítica e de transformar e modificar sua identidade profissional, apesar de também estar sujeito a retrocessos no curso deste processo.

Dubar (2006) também contribui para a melhor compreensão da construção da identidade docente ao destacar a crise profissional vivenciada pela sociedade contemporânea, o que gera consequências na atuação do professor, uma vez que o

contexto econômico, político e cultural da sociedade brasileira exige um profissional melhor qualificado, detentor de novos saberes, com currículos mais flexíveis, dinâmicos e multicultural, apto a analisar o contexto e a ensinar os alunos sobre assuntos diversificados, com referenciais teóricos e metodológicos diferenciados.

Porém, a identidade profissional a ser construída pelos professores sofre com a pressão, sem dispor de condições adequadas, pois aqueles continuam desvalorizados socialmente.

De acordo com Fiorentini, os professores de matemática que atuam na educação básica “são sujeitos de conhecimento que podem se desenvolver profissionalmente, mobilizando e produzindo saberes que se caracterizam como complexos, plurais, reflexivos, contextuais e que resultam de aprendizagens situadas nas práticas de ensinar e aprender” (FIORENTINI, 2011, p. 8).

O processo de formação continuada propicia aos professores de matemática momentos de reflexão acerca da trajetória profissional, dos caminhos percorridos, bem como de estudo dos referenciais teóricos, subsídios da prática. É uma necessidade que se coloca e que oferece instrumentos para compreender a dinâmica das escolas e os desafios do trabalho docente, em constante mudança didática, metodológica ou tecnológica, pois só entendendo e atuando na mudança é possível intervir e atuar sobre ela de forma mais dinâmica e significativa.

O paradigma da crise ocorre em decorrência das reformas educacionais a que os docentes estão sujeitos e das condições estruturais da sociedade, em que ocorrem mudanças contínuas no papel do Estado, nas relações de trabalho e nas demandas sociais que se intensificam. As análises propostas por Dubar (2006) nos ajudam a compreender melhor esse fenômeno, trazendo repercussões diversas para o trabalho docente, fazendo com que o professor seja cada vez mais cobrado em suas funções. Por outro lado, a valorização profissional - a exemplo de melhores salários, processos formativos de qualidade e melhores condições de trabalho - ainda permanece estagnado, apesar das reivindicações, lutas, greves e manifestações por melhores condições de vida e de trabalho.

Dubar (2006) leva em consideração o contexto profissional em que o docente está envolvido, já que o trabalho exercido vai influenciar o seu processo de construção identitária. Para Ciampa (2001), além do contexto do trabalho, é importante destacar que a construção de identidade implica a transformação, mudança, e o ser humano é um todo histórico, social, sendo parte e reflexo da sociedade capitalista que vive, com capacidade de transformar. Stuart Hall (2004),

por sua vez, também aponta as mudanças a que as pessoas estão sujeitas e, por isso, suas identidades são modificadas.

As reflexões propostas pelos autores nos ajudam a compreender melhor sobre identidade profissional, o contexto em que está envolvida a construção da identidade profissional docente. Assim, esses aspectos podem trazer luz para futuras e aprofundadas reflexões sobre a identidade do professor de matemática e contribuir para transformações nas práticas de ensino, assim como no seu modo de ver e conceber o mundo, reconfigurando as identidades, especialmente, as identidades profissionais dos docentes que atuam no ensino de matemática.

Referências

- BORGES, M. C. A. **O estágio probatório e a formação continuada do professor no início de carreira**. 2002. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.
- CASTRO, M. A. C. **O professor iniciante: acertos e desacertos**. 1995. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Afrontamento, 2006.
- FIORENTINI, D. **Investigação em Educação Matemática desde a perspectiva acadêmica e profissional: desafios e possibilidades de aproximação**. In: CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., Recife, 2011. Anais... Canoas: CIEM, 2011.
- FIORENTINI, D.; OLIVEIRA, A. T. C. C. **O lugar das Matemáticas na Licenciatura em Matemática: que matemáticas e práticas formativas?** Bolema, v. 2, n. 47, p. 917-938, 2013.
- FREITAS, M. N. C. **O professor iniciante e suas estratégias de socialização profissional**. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- NÓVOA, A. (Org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PÉREZ-GÓMEZ, A. **O pensamento prático do professor - a formação do professor como profissional reflexivo**. In: NÓVOA, A. (Org). Os professores e sua formação. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992. p. 94-114.

RAMALHO, B. L.; CARVALHO, M. E. P. O. **O magistério enquanto profissão: considerações teóricas e questões para pesquisa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 88, p. 41-54, fev. 1994.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2012.

STAMBERG, C. S.; NEHRING, C. M. **As influências do professor formador e o saber específico na escolha pela docência em matemática**. Revista Eletrônica de Educação, v.12, n. 2, p. 342-360, maio/ago. 2018.

VEIGA, I. P. A. **Formação e desenvolvimento profissional docente**. In: ENCONTRO ANPAE REGIÃO SUL, VI. Anais... Passo Fundo: UPF, 2007.

Submetido em setembro de 2018

Aceito em maio de 2020.

